

Seção: Varia

Um rosto da filosofia brasileira atual no Materialismo Poiético-Pragmático de José Crisóstomo

A face of contemporary Brazilian philosophy in Joseph Chrysostom's Poietic-Pragmatic Materialism

Un rostro de la filosofía brasileña contemporánea en el Materialismo Poiético-Pragmático de José Crisóstomo

José Carlos de Castro Dantas¹

Resumo

Este texto destaca a maneira como José Crisóstomo pensou a filosofia contemporânea brasileira, buscando mudar a perspectiva da abordagem tradicional e colonialista para uma mais autônoma, dinâmica e sugestiva. Partindo desse ponto de vista, José Crisóstomo estabeleceu um novo paradigma alinhado a um materialismo poético-pragmático, bem como a um fundacionalismo, representacionalismo e centrismo linguístico, propondo uma nova metodologia para abordar pontos como os seguintes: material, linguístico, criativo e inventivo em um cenário contextualizado. Em outras palavras, o projeto de Crisóstomo era a filosofia que vivemos, ajustada a uma filosofia cotidiana, baseada em aspectos intersubjetivo-relacionais e holísticos.

Palavras-chave: Filosofia Brasileira. Poiético-Pragmático. Mundo Nosso. Intersubjetividade. Holismo.

¹ Doutor em Filosofia pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Professor da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA) e da Faculdade Católica do Maranhão (FACMA). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1681-8136>. E-mail: cdantasjc@gmail.com.



Abstract

This text highlights the way José Crisóstomo thought about Brazilian contemporary philosophy in order to change the perspective from the traditional and colonialist approach to a more autonomous, dynamic, and suggestive one. Taking this point of view, José Crisóstomo established another paradigm which is aligned to a poetic-pragmatic materialism as well as a foundationalism, representationalism and linguistic centrism way of proposing a new methodology to attacking points like the following ones: material, linguistic, creative, and inventive in a contextualized scenario. In other words, Crisóstomo's project was the philosophy we live by, adjusted to a daily philosophy, based intersubjective-relational and holistic aspects.

Keywords: Brazilian Philosophy. Poetic-Pragmatic. Our World. Intersubjectivity. Holism.

Resumen

Este texto destaca la manera en que José Crisóstomo concibió la filosofía contemporánea brasileña, buscando cambiar la perspectiva del abordaje tradicional y colonialista hacia una más autónoma, dinámica y sugestiva. Partiendo de este punto de vista, José Crisóstomo estableció un nuevo paradigma alineado con un materialismo poético-pragmático, así como con un fundacionalismo, representacionalismo y centrismo lingüístico, proponiendo una nueva metodología para abordar puntos, tales como el material, el lingüístico, el creativo y el inventivo en un escenario contextualizado. En otros términos, el proyecto de Crisóstomo consistía en la filosofía que vivimos, ajustada a una filosofía cotidiana, fundamentada en aspectos intersubjetivo-relacionales y holísticos.

Palabras Clave: Filosofía Brasileña. Poético-Pragmático. Mundo Nuestro. Intersubjetividad. Holismo.

Introdução

A filosofia de cada época e de cada país tem sido, geralmente, a razão ou o sentimento determinante para seu sentido e condutas as quais afloradas das necessidades imperativas geográficas numa situação determinada. Essa paráfrase remontada ao filósofo argentino Juan Bautista Alberdi (1810-1844), me parece aproximada, àquela do filósofo brasileiro Crisóstomo ao frisar que filosofia como compreensão geral das coisas, implica categorias como realidade, condição humana, conhecimento, linguagem, normatividade, valor, criatividade e propósito situadas, todavia, em nosso país. Rememoremos,

primeiro, o célebre debate² em que Bondy afirmara inexistência de autêntica filosofia latino-americana e a resposta de Zea na defesa de uma filosofia regional; depois, os “escárnios” de Tobias Barreto e a descrença João Cruz Costa³, ao nível da negação de filosofia brasileira. Mais realista, Margutti fala de um filosofar brasileiro “esquizofrênico” dividido entre os filiados à tradição filosofia clássica-canônica; os que priorizam o pensamento brasileiro de cunho político-conservador; e os “independentes” filósofos-literatos e/ou filósofos-diplomatas. Porém, em geral e comum, escolásticos e comentaristas. Nesse debate, Crisóstomo, é um dos nossos importantes filósofos brasileiros, cujo paradigma materialista-poético desdobrado na filosofia “mundo nosso” – *terra brasilis*: historicidade, complexidades, desafios e esperanças (na lúcida expressão poético-política freiriana) prima, justamente, pela originalidade.

Convém ressaltar, ademais, que o *Studia*⁴ tem favorecido, a nós integrantes, boas referências e boas discussões sobre a presença da filosofia no Brasil, sim, mas com qual espírito e postura? Filosofia no Brasil ou filosofia do Brasil? Certamente, ambas vertentes denotemos no “quefazer filosófico” entre nós. Mas é inegável já uma caminhada filosófica por entre as diversas sendas, searas “sotaques.” Dito ainda de outra forma, se o gráfico filosófico tende a ampliar-se quanto à prática filosófica mais escolástica e exegetica, ou mais tutelada, sobretudo, no nível magistério de filosofia – e isso não é nenhuma heresia, porque, se levado muito a sério, a filosofia traspassada entre a educação básica e a pós-graduação por essa mediação acaba se entrelaçando, mesmo de caráter

² Augusto Bondy em *Existe uma filosofia em nuestra américa?* (1968) – a colonização passada e presente impede, pelas consequências, filosofia original e autônoma entre nós. Leopoldo Zea *Filosofia latino-americana, sin mas* (1969), responde: dificuldades, atrasos, demandas e possibilidades motivam a particularidade da filosofia latino-americana, sem rupturas radicais com a filosofia tradicional

³ No conhecido livro *Panorama da história da Filosofia no Brasil* (1960, p. 13; 14; 15), o importante autor nessa questão, João Cruz Costa reflete logo na Introdução os descréditos atribuídos à nossa filosofia brasileira. Rememora a alusão do Padre Leonel Franca (*Noções de História da Filosofia* 1ª ed. 1918; 7ª ed. 1940), à assertiva de Tobias Barreto: “Não há domínio algum da atividade intelectual em que o espírito brasileiro se mostre tão acanhado, tão frívolo e infecundo que no domínio filosófico.” Essa afirmação em *Questões Vigentes* (1888), contém uma outra certamente associada do próprio Tobias: “E’ claro que, não sendo o Brasil um paiz racionalista e philosopho, mas um paiz essencialmente catholico, a formula theologica é a mais effectiva, a que parece destinada a uma longa preponderância.” (Barreto, Tobias, *Questões Vigentes*, 1888, p. 237). Costa também, retoma a opinião de Farias de Brito (*Finalidade do Mundo*, 1889): “O Brasil ainda não produziu um filósofo. [...] Somo uma nação de ontem [...] é indispensável o concurso do tempo.” Capistrano de Abreu, mencionou “a eterna glosa da filosofia europeia entre nós.” E nas palavras do próprio Cruz Costa: “Existe, uma filosofia nacional? Não cremos que exista. [...] Mas não há de ser por isso que nossa aventura no domínio da Filosofia há de ser menos interessante, sobretudo para nós.”

⁴ *Studia Brasiliensia* vinculado ao GT Pensamento Brasileiro/ANPOF, grupo de pesquisa articulado e registrado (Capes/Cnpq) desde 2023, sob coordenação do Prof. Dr. Lúcio Álvaro Marques, atua entre pesquisas e eventos no entorno da culturalidade e do pensamento filosófico brasileiro.

historicizada, ao mundo onde ela é manifestada; contudo, há no Brasil filosofias e filósofos no esforço de fazer filosofia autônoma, originária e propositiva, sem rechaçar interlocuções com aqueles consagrados ou canônicos filósofos. O Crisóstomo, filósofo brasileiro, é um ator importante dessa história.

Nesse sentido, quando o professor Lúcio solicitou-me uma escrita sobre o pensamento filosófico do Professor Crisóstomo - e, confesso, com certa apreensão aceitei o desafio; surpreenderam-me duas experiências imediatas: me dei conta da gentileza e solicitude de Crisóstomo já na primeira conversa virtual nossa, tal qual o percebemos sempre gentil nas entrevistas e eventos filosóficos difundidos aí pela internet; depois, claro, não o mero “jogo eclético”, mas a “interlocução de pensamentos”, o “telos dialógico teleológico crítico” pelo qual autores estrangeiros e locais cujas teorias ou vieses delas interessem ao escopo seu paradigma *materialista poiético*: essa filosofia, terráquea, histórica, empenhada em seu caráter de brasilidade. Parece, então, oportuna a expressão de Bourdieu: “A vida constitui um todo, um conjunto coerente e orientado, que pode e deve ser apreendido como expressão unitária de uma ‘intenção’ subjetiva e objetiva, de um projeto...” (Bourdieu, 1996, p. 74).

Dito isto, considere abordarei a filosofia de Crisóstomo em três interconexas partes: a primeira, trata da Filosofia como “coisa” Civil - narrativa da nossa filosofia brasileira entre percalços e progressos; a segunda, do Materialismo Pragmático-Poético - essencialmente crítico-dialógico e, nesse âmbito, correlações com a “filosofia das formas de vida” da alemã Rahel Jaggei e com a filosofia neo-ceticista (ne-pirrônica) do brasileiro Oswaldo Porchat. Em sequência, o desdobramento na filosofia do “mundo bem nosso.” Tudo isso, contudo, desembacada de incursões incautas ou efêmeros ativismos – o dito “feito tupiniquim” (com todo respeito ao povo Tupinikim).

2. Rastro biográfico de Crisóstomo – de Minas à Bahia e para o mundo: militante, intelectual e cidadão do mundo

Na conhecida assertiva sartreana, “o homem existe primeiro, se encontra, surge no mundo, e se define em seguida.” É certo que a biografia de um filósofo, demarca seu contexto de “mundo da vida”, na expressão comum de Habermas. José Crisóstomo de Souza, nasceu em Minas Gerais, em 1948, porém, tal como o infante padre Vieira, de Lisboa para a Bahia, Crisóstomo cresceu na Bahia - “A Bahia é mãe, é axé. A baiana traz

no corpo a força da terra e na voz o poder da ancestralidade.” (Gilberto Gil). Na UFBA, graduou-se em filosofia, num tempo em que ingressou no magistério da educação básica. E, no entanto, no caminho cruzou com o ditador. O regime militar brasileiro⁵ e suas violências decorrentes, interromperam as venturosas explorações do jovem Crisóstomo pelo mapa latino-americano; o tino e o sentido das viagens doravante de enfrentamento ao regime, engajado no Centro de Estudos e Ação Social (CEAS) e outros movimentos: “Viajei muito pelo país, entre outras coisas colaborando na criação de embriões de futuros movimentos sociais e de trabalhadores.”

Um passo adiante, Crisóstomo foi convidado para o magistério na UFBA, entretanto, naquele contexto declarou: “de meu lado, só depois do fim da ditadura é que me permiti dedicar-me de verdade à carreira universitária e ao estudo da filosofia.” Mas o Chico Buarque cantava naquela conhecida poesia de 1978: “Hoje é você quem manda, falou tá falado. [...]. Apesar de você amanhã será outro dia.” E assim, não obstante, o Professor Crisóstomo desdobra-se faustosamente: primeiramente sua readmissão na UFBA, seu doutorado na UNICAMP (Filosofia política); sua participação no SEAF e dos primeiros encontros da ANPOF;⁶ seus dois pós-doutorados: UC-Berkeley (1993-1995), e New School (2014-2015). Além da dedicação aos magistérios e atividades afins, o curriculum de Crisóstomo registra múltiplas publicações: de mais de cinco dezenas de artigos, cerca de outras quarenta publicações entre capítulos e organizações de livros e dez livros autorais; quase cento e cinquenta textos pronunciados em jornais e eventos acadêmicos e atuações como membro de editorias revisor de periódicos.

Importei-me em ressaltar, sobretudo, que Crisóstomo compreende e articula ou arquiteta um *sui generis* pensamento filosófico volvido as questões e demandas contemporâneas, tanto que suas principais linhas Política, Pragmatismo, Democracia Pragmatismo, Neopragmatismo, Filosofia Contemporânea, Hegelianismo, Jovem Hegelianismo, Marx, Teorias da Modernidade e da Sociedade Brasileira se correlacionam com ideias de, Hegel, Feuerbach, Marx, Stirner, Nietzsche, Dewey, Putnam, Habermas, Rorty, Rahel Jaeggy, entre outros. E no Brasil com Gilbrto Freire, Sérgio Buarque,

⁵ Napolitano (2024), sintetiza três teses que explicariam o golpe de 1964: a) colapso do populismo - fim da barganha eleitoral-popular e contradição entre demanda dos trabalhadores e a acumulação “moderna” de capital; b) “grande conspiração vitoriosa”- cerco político-psicológico e desestabilização do governo de Goulart, sob coordenação lógico-proposital de líderes civis e militares com apoio conspirador dos E.U.A; c) dificuldades das coalizões democráticas estáveis, máxima defesa das reformas e fragilidade institucional.

⁶ SEAF (Sociedade de Estudos e Ação Filosóficos), e em seguida dos primeiros encontros nacionais da Anpof (Associação Nacional de Pós-Graduação em Filosofia).

Mangabeira Unger, entre outros tantos. Nessas leituras e redimensões, ele em seu Lattes: “Escolhi estudar jovens hegelianos em 1982, por entender, como Habermas depois, que somos filosoficamente seus contemporâneos.” Aliás, importa frisar que com Habermas e Rorty, apreendeu a crítica ao fundacionalismo racionalista talhado mesmo em filósofos teoricamente “crítico-revolucionários” como Kant e Hegel. “[...] ele [Rorty] dispensa [...] o recurso a uma razão anistórica [...] não dependente do contexto [...] que garantisse àqueles ideários [ilumistas: democracia, justiça tolerância, etc.] algo como fundamento [...] incondicional e universal.” (Souza, 2005, p.23).

Numa última palavra, há que se ensinar vida longa e saudável ao sempre Professor e filósofo Crisóstomo para que, tal como a significativa logomarca do semeador da Ed.Ufba, permaneça a partir do litoral baiano para o mundo, espalhando, disseminando, esse fazer filosofia na seara da brasilidade.

2.1. Na trilha da nossa filosofia brasileira: do dixerunt ao marco da Filosofia civil

No bimestre junho/julho de 2021, na Revista Argumentos (UFSC), Crisóstomo retoma boa parte das ideias publicadas na Coluna da Anpof, entre dezembro de 2016 e setembro de 2018 agora, porém, ampliadas, provocativas, mas, também, prospectivas no artigo intitulado *Fazer filosofia no Brasil: civil, prática, transformadora nossa* como um dos seus escritos importantes sobre a caminhada do nosso filosofar brasileiro ou na expressão dele - “fazer filosofia no Brasil.”

Crisóstomo está de acordo, em princípio, que não temos feito genuína filosofia por aqui devido às históricas e hábeis práticas exegéticas, comentarista e historicista às voltas de autores canônicos, na verdade, um legado remontado a Victor Goldschmidt e Martial Guérault historiadores franceses que atuaram na USP no início do século passado; com efeito, portanto, uma metodologia, na expressão dele, do “pseudo-fazer filosofia centrado no Autor como cada ‘pesquisador’ com seu ‘orixá de cabeça.’” . Na verdade, parece uma espécie de “genótipo-fenótipo filosófico” colonialista remontado ao nosso *arché* colonial ibero-católica fundado na da *Ratio Studiorum*⁷, agora, rito-atualizado, no

⁷ *Ratio atque Institutio Studiorum Societatis Jesu* –, redigido por grupo especializado de jesuítas alcançou forma definitiva e obrigatória em 1599, com objetivo era ordenar e uniformizar mentes de educadores (jesuítas) e educandos perante os ventos reformistas do século XVI; permanecendo, então, vigente até 1773, quando o papa Clemente XIV proibiu a atuação dos jesuítas em colégios. O Pio VII em 1814, ordenou a reformulação da *Ratio*, cuja a conclusão em 1832, reduziu para 29 o conjunto de 30 normas daquela versão

“neocolonialismo afrancesado” contraposto, conjunturalmente, ao signo da modernidade, portanto, tal como antes, submissão, auto subestimação, negação do *sapere aude* - presença e postura altivas naquela orientação kantiana, aí mesmo nesse mundo filosófico de muitas “ vaidades canonizadas.” O desinteresse e, logo a não-prática, extra-exegética, estampa o não-filosofar genuíno, porque absorção fiel e acrítica e amiúde de uma teoria filosófica focada em advogá-la ou narrá-la como numa “ode hedônica.” Crisóstomo, aliás, observa sermos mais retraídos que outros filósofos latinos.

Das importantes opiniões recuperadas no texto por Crisóstomo neste “inventário” ou “diagnóstico” digamos, gostaria de mencionar a repreensão de Gianotti quanto à nossa leitura ou literatura filosófica centrípeta; Ricardo Ricardo Terra menciona, se estou correto, a necessidade de atualizar ou associar o filósofo histórico canônico ao nosso contexto hodierno para dar algum sentido a essa prática filosófica; e a interessante orientação de Tugendhat (alemão com traquejo filosófico no Brasil), de que graduandos partindo de problemas (inclusive, nossos) do presente busquem contributos filosóficos clássicos. Parece, então, que o tom é esse, tanto que Crisóstomo frisa o projeto Coluna da Anpof (2016), em atualizar com autonomia de pensamento nosso os legados:

Com a disposição irrenunciável de enfrentar temas e problemas relevantes, em última análise com entendimento próprio, e de contribuir para que outros também nisso se exercitem, sempre admitida a todos a capacidade para em alguma medida fazê-lo. Coragem então, façamos filosofia! (Souza, 2021, p. 36).

Dentro ainda desse debate, faz-se pertinente aludir com Crisóstomo, as vozes Felipe Haddock-Lobo (UFRJ), este que propôs que fizéssemos filosofia de raiz ou feição nativa capaz, pois, de recuperar nossa brasilidade originária, ou ainda na expressão, “filosofia com assinatura brasileira”, similar ao que Júlio Cabrera (UnB), sublinha que filosofia latino-americanizada radical não pode olvidar-se, por exemplo, da herança colonialista; na visão de Carla Rodrigues (UFRJ), essa filosofia brasileira como que por um “mal radical”, obliterou as próprias brasileiras; para ela faltou-lhe, historicamente, eco feminista. Todavia, acompanhando Crisóstomo, a controvérsia mais aguda viria de Saflatle, para quem as filosofias metropolitanas por aqui aportadas atestam nossa

de 1599. Em síntese, os estudos modalizavam-se em Teológico (quatro anos - teologia escolástica e moral, Bíblia, Direito Canônico e História da Igreja; o Filosófico (três anos - Aristóteles e Santo Tomás; e Humanista Humanista (seis/sete anos - Retórica, Humanidades, Gramática Superior, Média e Inferior). Por fim, virtudes evangélicas, bons hábitos, respeito hierárquico, subordinação e dedicação ao processo, eram algumas das imposições aos submetidos à *Ratio*.

incapacidade de legitimidade e autoctonia filosófica; pelas nossas limitações são ilusórias, deturpadas e aburguesadas, a rigor, artimanhas de dominação. Entre a filosofia como “sistema de traição, crítica, distorção... nunca poderá constituir-se entre nós”. [...] “em um espaço de filiados nunca poderá existir debate” – “apenas aplauso e silêncio.” (Safatle, *apud* Souza, 2003, p. 41). Não obstante dirá, posteriormente, haver prejuízo em nos reconhecer como filósofos ou que não existiria filosofia brasileira.

Ante essa polêmica entre identidade e prática filosófica nossa, Crisóstomo, lucidamente, assinala a filosofia bem nossa, entretanto, nem fechada nem apologista, ou seja, ancorada no estilo *magister dixit* e/ou *dixerunt*, nem meramente nativa (*roots*, na expressão dele), isto é, fechada numa temática interna específica, mas inserta e no contexto e debates sem negligenciar nosso suporte de referências. Nosso filósofo faz questão de ressaltar já certa tradição de “boa filosofia brasileira, civil, prática e produtiva.” Nos limites desse tópico, não me detenho na especificidade teórico-atuante (lugar sócio-político) de cada um (como seria interessante), mas em listar algumas referências valiosas referências nossas desde o século XVII: Padre Antônio Vieira (1608-1697), Nísia Floresta (1810-1885), Machado de Assis (1839-1908), Guimarães Rosa (1908-1967) e Clarice Lispector (1920-1977), Miguel Lemos (1854-1917) e Raimundo Teixeira Mendes (1855-1927), Tobias Barreto (1839-1889) Sílvio Romero (1851-1914), Anísio Teixeira (1900-1971), Gilberto Freyre (1900-1987), Álvaro Vieira Pinto (1909-1987), Paulo Freire (1921-1997) Miguel Reale (1910-2006), Antônio Paim (1927), José Arthur Giannotti (1930-2021), Newton da Costa (1929-2024). Esses, entre outros nomes, indicam lugares e perspectivas consensuais; refletem ou mobilizam nossa contextualização, interesses, problemas, circunstâncias e utopias. Agora, nas palavras de Souza (2023, p. 43):

De muitas maneiras, aqueles nossos antecessores [...] estiveram na cultura e nas circunstâncias históricas que nós em alguma medida inevitavelmente ainda compartilhamos, e expressando-se na mesma língua. [...], diante disso e depois disso, não há razão para que, o que quer que atraia nossa atenção filosófica, da nossa tradição filosófica nacional ou internacional, nosso interesse filosófico principal não sejam as expressões mais valiosas e sugestivas, de pensamento filosófico, do nosso próprio tempo.

Mas então, pode-se superar a “*arché*” ou modelo goldschmidtiano-francês? É possível fazermos uma filosofia para chamarmos de nossa? Para Crisóstomo, sim! E são

provas, por exemplo, a filosofia do paulistano Oswaldo Porchat Pereira (1933-2017)⁸ - *neo-pirronismo/neo-pragmatismo nacional*; a filosofia de Roberto Mangabeira Unger (1947) - *hegelianismo-pragmático e desenvolvimentismo*; e o *materialismo pragmático-poiético* do próprio Crisóstomo, do qual trato, em particular, obviamente, após a filosofia de Porchat.

O *neo-pirronismo* Porchat⁹ articula uma reinterpretação do pirronismo cético de Sexto Empírico. Para Plínio Smith (2010), Porchat foi relevante para nossa Filosofia, sobretudo por aproximar nossos filósofos. Para Petersen (2017, p. 32), a filosofia porchatiana, indica o seguinte: “A natureza da filosofia no Brasil é complexa [...] devido a uma dificuldade dos autores brasileiros se colocarem na busca de uma reflexão pessoal e original. [...]. A filosofia para Porchat é sempre um empreendimento de reflexão original, pessoal e sincera”.

A interpretação própria do ceticismo grego (Sexto Empírico), observa Crisóstomo, favoreceu a reflexão de Porchat sobre a vida e saberes comuns num contraste com a alienação filosófica tradicional excludente e abstrata. “Acredito que boa parte dos filósofos certamente tomou os problemas da vida particular e da vida das comunidades em que viviam como ponto de partida para pensar as questões filosóficas.” (Porchat, *apud* Souza, 2003, p. 45). E assim, o ceticismo implicaria defesa da vida e do saber comuns dos homens contra as filosofias especulativas e sistêmicas, de maneira que a perspectiva neo-pirrônica em nosso tempo repercute a conciliação entre logos e contingência.

Que é, então, conforme aquela segunda face do pirronismo (a face positiva), o filósofo cético? É o filósofo que, conduzido à suspensão de juízo sobre os discursos da filosofia especulativa [...]. Vive a experiência do mundo e constrói e aperfeiçoa a sua visão do mundo a partir dos recursos que lhe fornece essa experiência [...] substitui a epistême pela tékhne, se reconhece como membro de um “nós” que se estende a toda a raça dos homens, fazendo de seu discurso um instrumento a serviço do que é útil e bom para a humanidade. (Porchat, *apud* Petersen, 2017, p. 41)

⁸ Na França, em seus estudos de Filosofia Antiga, Porchat foi orientado Victor Goldschmidt, mais tarde com sua esposa Ieda Porchat traduzem a obra do filósofo francês *A Religião de Platão*.

⁹ Bruno Pertensen em *O pensamento de Porchat* (2017), destaca: A primeira fase: Pré-Ceticismo A fase anterior à adesão ao ceticismo, cinco ensaios: *Conflito das filosofias* (1968); *Prefácio a uma Filosofia* (1975); *A Filosofia e a Visão Comum do Mundo* (1979); *Saber Comum e Ceticismo* (1986); *Ceticismo e Mundo Exterior* (1986). 3. A segunda fase: Neopirronismo (fase cética mantida) composta pelos seguintes artigos: *Sobre o que Aparece* (1991); *Ceticismo e Argumentação* (1993); *Verdade, Realismo, Ceticismo* (1995); *O Ceticismo Pirrônico e os Problemas Filosóficos* (1996); *Ainda é Preciso ser Cético* (2001); *O Argumento da Loucura* (2003); *A Autocrítica da Razão no Mundo Antigo* (2005) e *Empirismo e Ceticismo* (2005).

Com efeito, o ceticismo em vez das investigações essencialistas ou transfenomênicas, prioriza filosofias que convergem à vida comum. Assim, os clássicos antigos e modernos – de Platão a Hegel, para além das exegeses, são redimensionados, considerando que em Porchat, frisa Crisóstomo, o cético é preferível ao *theorético*.

O cético preferiria, como paradigma de conhecimento humano, [...] o saber das *tékhnai* (como o da medicina, da agricultura, da navegação) – know how, no lugar de know what e know that, diríamos hoje – ligado à experiência e a ela aberto, mas sobretudo ligado aos fins práticos e ao fazer dos homens; (Souza, 2021, p. 47).

Ora, esse fazer filosófico de cunho cético redimensiona o conhecimento, deslocando-o das cordilheiras teórica ou abstratas para uma *techné* destranscendentalizante. Portanto, a filosofia brasileira, em Porchat, é capaz reler um passado distante cronologicamente, atualizando-o a partir de questões nossas, pertinentes.

Em campos nordestinos, os versos do cearense Patativa do Assaré: “Meus versos é como semente/ Que nasce arriba do chão;//Não tenho estudo nem arte/A minha rima faz parte//Das obras da criação”, se inclui no *Materialismo Pragmático-Poiético* de Crisóstomo - um fazer filosófico que inclui poesia. O *poiético* é também poesia.

3. Paradigma Materialismo Pramático-Poiético: pensamentos e falas para a filosofia brasileira dos nossos tempos

Contraposta à filosofia profissional-acadêmica na literatura ou nos lugares de caráter canônica e universal, a filosofia materialista prático-poiética estilizada em conhecimento, linguagem, normatividade, criatividades, valores e finalidades desvinculada, portanto, verticalismos, transcendentalismos, dogmatismos tal como a encontramos em *Materialismo prático-poiético: um outro paradigma para a filosofia contemporânea e brasileira* (Revista Transformação/2023) e em “*Filosofia, Ação, Criação; poética-pragmática em movimento* (2021). Assim, um ritual Wutú – o grande ritual do povo Krikati, as sinergias do Tambor de Crioula, da balada de rock, de um movimento social, têm esses “sotaques” poiéticos: criativos, dinâmicos e abertos. Pretendo, a seguir, explicitar paradigma, três tópicos: 1. Perfil do Pragmática-poética em sua constituição e desdobramentos entre a filosofia e a releitura de Marx, passando pela influência do jovem-hegelianismo e pragmatismo; 2. As recusas importantes materialismo pragmático-poético, sobretudo, dos representacionalismos empiristas e do

linguocentrismo. Crisóstomo retoma a categoria marxiana da produção sem dualismo, para desconstruir aquelas categorias de fundacionalismos; e 3. Interloções entre Crisóstomo, Jaeggi e Dewey: às voltas das “formas de vidas” e da vida de forma natural-pragmática.

3.1. Pragmática-poética: dos fundamentos às interloções e desdobramentos

A raiz etimológica grega do Poiético-Pragmático já lhe desvela sentidos fundantes. *Poiésis* indica perspectivas “espiritual” (associado com poesia, logo, arte) e “material” (*poieín* – criar/fazer, portanto, artesanal, técnica, logo fazer coisas). *Pragmática* (*pragma/pragmata*), relativa aos atos, atitudes e negócios humanos, logo, destrancendentalizada.

Pragmática junto com poética sugere uma combinação entre o que é romântico, artístico, ideal, e o que é prático, operativo, instrumental [...] enquanto duas coisas tanto já entrelaçadas [...] ambas envolvidas com experimentação e criação, como sintetizadas no que concebemos como Modernismo. (Souza, 2021, p. 13).

Trata-se, então, de uma filosofia do fazer, da criatividade e do ato. Na frase lúcida e conhecida de Crisóstomo: “no começo era o ato – e, logo, do objeto ou artefato”, porque envolve mundo, conhecimento, normas, linguagem, criação, ação, transformação, etc. traspassadas nas suas interloções proficuas tais quais acima mencionadas.

As conversações entabuladas pelo *Poiética* indicam sua caminhada filosófico-mundana que, ao meu juízo, retrocede ao *Filosofia Civil* espelhada em *A Filosofia entre Nós* (2005), a qual inclui Oswaldo Porchat, Ernst Tugendhat e Renato Janine, que depois, fora do Brasil fora publicada como *Philosophy as a Civil & Worldly Thing, from a Brazilian Critical-Historical Perspective*. Desde lá frisa Crisóstomo (2003, p. 307), que do manual pedagógico-doutrinário jesuítico *Ratio Studiorum* às exegeses comentaristas das obras canônicas, há “um percurso [...] de uma sujeição *Magister dixit* [“o mestre disse”] lá atrás, a outra, *Magistri dixerunt* [“os mestres disseram”], dos nossos dias [...] nada estranho aos tradicionais bacharelismo e colonialismo mental que nos afligem”. A propósito, Barthes (2020, p. 21), escreveu: “Quem fala? Quem escreve? [...] palavra é um poder e [...] um grupo de homens se define [...] pelo seguinte: ele detém, em diversos

graus, a linguagem da nação”. Onze anos depois, em *Leçon - Aula*¹⁰ frisou que a língua é fascista, quando obriga a dizer. “Na língua, portanto, servidão e poder se confundem inelutavelmente.” (Barthes, 1980, p.15). Com efeito, uma filosofia autóctone e genuína, não enquadra num esquema comentarista acrítico,¹¹ ou restritamente militante. Por isso, incomodado com *Magistri dixerunt*, Crisóstomo já imprime na sua tese doutoral nos anos de 1980, um debate não repetitivo às voltas do jovem hegeliano. Estava em curso desde, então, o materialismo prático-poiético, atravessando suas atividades na UFBA, sobretudo, de pós-graduação, no Grupo de Trabalho/Anpof, extensa produção, destacadamente, a primeira coletânea dos integrantes do Poética, em 2012, cujo foco foi a Virada Prático-Histórica da Filosofia: Hegelianismo, Pragmatismo, Democracia e o *Filosofia Ação, Criação: poética pragmática em ação* em 2021 com suas abordagens plurais: enativismo, pragmatismos, teoria crítica e perspectivas do pensamento brasileiro. Filosofia tem espírito e experiência dialética:

não se trata de tomar os autores como mestres inquestionáveis, orixás de cabeça, cercados de comentadores apologéticos, em leituras apenas internas. Mas de tomá-los pelas suas contribuições temáticas, em confronto com seus críticos e com posições alternativas. Autores apreendidos, junto com isso, em seus próprios percursos de pensamento, como buscas do esclarecimento de questões, temas e argumentos, e tudo tendo como horizonte a constituição de posições próprias a esse respeito, de parte dos que os estudam. (Souza, 2023, p. 314).

Então, considerando a postura crítico-dialógica do Poiética, convém ressaltar três dimensões: a) o sensível, capaz de destranscendentalizar o conhecimento; b) o pragmatismo (clássico e neo) interliga subjetividades e contexto entre saberes e nas práticas; c) radicalização marxiana depurada do dualismo infraestrutura-superestrutura e do determinista histórico. Com efeito, se reconhece essa filosofia como prática propositiva, modernista historicista e civil: engajada e associa saberes filosóficos a corporeidade, linguagem, emotividade, intersubjetividade; crítica e social: volvida para a melhoria do mundo local e além dele; e por inspiração marxiana, prevalência da realidade e ação material-sensível sobreposta além das prescrições linguísticas.

¹⁰ Aula inaugural da cadeira de Semiologia Literária do Colégio de França pronunciada dia 7 de janeiro de 1977.

¹¹ Uma das reclamações contundentes de Augusto Bondy no livro já mencionado é que aqui pela América Latina, nossos pensadores apenas imitavam ou repetiam os pensadores europeus.

Poética Pragmática é um ponto de vista intrinsecamente histórico, contextualista, interacionista, não dualista nem determinista, neste último caso porque inclui uma noção de intencionalidade sensível, corpórea, em oposição tanto a mentalismos e idealismos, quanto a determinismos e naturalismos causais-reducionistas (Souza, 2023, 317).

Destarte, como poiética e pragmática, pragmática e poética, é inconciliável com reduções cognitivo-linguística ou fundacionacionalistas descontextualizadas ou desumanizados.

3.2. Duas recusas necessárias: essencialismo-dogmático e restrição linguocêntrica.

Quando Crisóstomo recorre ao materialismo prático de Marx, precavendo-se, porém, de seus dualismos e determinismos teóricos; intenta fundamentar a atividade sensível entre nós e o mundo: dos instrumentos materiais às relações intersubjetivas; recusar ao empirismo dogmático e ao indivíduo abstrato, predeterminado, alienado à socialidade; estabelecer tanto uma epistemologia sócio-política capaz de associar filosofia e realidade quanto uma antropologia volvida às condições econômico-políticas. Pois bem, esses outros ganhos advindos da teoria marxiana refletem no esquema prático-sensíveis no mundo dos objetos e das pessoas, mas, também, ativo-criativa (isto é, nem metafísica, nem dualista, nem passiva – ser-genérico marxiano); na ação humana poiética (*homo faber* no/do mundo) intersubjetiva; no agir subjetivo entre a poiética e o artefato; na recusa à normatividade dogmática religiosa, economicista ou deontológica. Nosso filósofo elucida esse processo no seguinte argumento:

O que pode resultar dialeticamente de uma boa correção crítica e prática de Marx, e prático-sensível, do linguocentrismo idealista-criativo de Rorty e normativo-universalista [...] de Habermas, é, para mim, então, uma compreensão que deve partir, ao modo de primeiro, de nosso emaranhamento com o mundo, na direção de um pragmatismo poiético-sensível, de um holismo prático-material e de uma consideração da criadora contingência da existência. (Souza, 2023, p. 321).

Ora, a práxis linguística é inerente ao *Poiética*, desde que vinculada ao materialismo, logo, situada num mundo pós-metafísico e neo-pragmatista; por outro lado, desconexa de linguocentrismo, representacionista e fundacionista àquele paradigma, imprimindo, pois, uma condição interessante: intra-conexões de coisas sensíveis, objetos, sujeitos e suas criações: instituições, associações, artefatos onde linguagem pensamento significam (imprimem/reimprimem/substituem signos e simbologias), manipulam, atuam

e têm sentido nessa esfera sócio-cultural. No linguosticismo, enfatiza Crisóstomo (2023), em vez da linguística simbólica, histórica e social, impõe-se um mundo estabelecido, “objetivo”, obscuro e não nosso. Com efeito, não mais a centralidade linguística, desde o *zoón eckón* aristotélico cuja linguagem define homem; ao Heidegger sincrônico com Humbolt em *A caminho da linguagem* (2003, p. 7), onde “[...] a linguagem é o que faculta a ser o ser vivo que ele é enquanto homem. Enquanto aquele que fala, o homem é homem” e nem o linguocentrismo habermasiano. Aqui, se é plausível tal como em Rorty, o neo-pragmatismo, portanto, contraposto ao logocentrismo – em ambos, a prática sobrepõe-se à teoria, é recusável a sobrepujança linguística interpretada como “supremo interesse epistemológico e prático-normativo [...] terreno prioritário e mais próprio da filosofia. Afinal [...] a distância pode não ser tão grande entre linguocentrismo e logocentrismo”. (Souza, 2020, p. 258). Ora, há interações linguísticas e não-linguísticas (instrumentais), então, o “linguocentrismo,” é incoerente: “vivemos em interação fazedora com o mundo, e que é em boa medida por nossa causa que ele não cessa de mudar, de nos mudar e de ‘se reinterpretar.’” (Crisóstomo, 2003, p. 355).

E, no entanto, Crisóstomo como leitor de Habermas ancora também seu pensamento filosófico na dialogicidade a exemplo mencionada obra *Filosofia Ação, Criação* (2021), desde a Introdução e por entre seus dezesseis capítulos. A seguir, assumindo o risco da brevidade, destaco desses diálogos: o primeiro às voltas da releitura da Teoria Crítica por Rahel Jaeggi através do seu conceito “filosofia das formas de vida,” bem próxima da práxis contextual e engajada como no “mundo bem nosso” delineado por Crisóstomo; o segundo, à luz da argumentação de Tiago Medeiros, basicamente trata da interlocução entre Crisóstomo e Dewey através dos conceitos de experiência e sensibilidade.

3.3 Crisóstomo e as interlocuções com Jaeggi - “formas de vidas” e Dewey - vida de forma natural-pragmática.

A Teoria Crítica redimensionada por Jaeggi levando em conta influências de Hegel, Marx e Dewey, o conceito de “formas de vida” da filósofa, interessa à poiética-pragmática. É verdade que a matriz marxiana da Teoria Crítica clássica negativista e pessimista em Horkheimer e Adorno é reconstruída por Habermas, como se sabe, pelo fundamento promissor da racionalidade comunicativo-intersubjetiva. Todavia, com Habermas e contra Habermas, a partir do paradigma da produção de Marx, Crisóstomo

assenta sua filosofia sobre base material, sensível, produtiva, *poiésis* e é, nesse sentido que se denota sua interlocução com Jaeggi. No âmbito das formas de vida a Teoria Crítica, ela recusa tanto a neutralidade ética liberal quanto o perfeccionismo determinante ético, para então proceder de modo crítico-ético emancipatório. O que pode ser designado como forma de vida? Para Jaeggi (2019, p. 84), “‘formas de vida’ referem-se a uma ‘ordem de coexistência humana’ culturalmente informada que abarca um ‘conjunto de práticas e orientações’, bem como suas manifestações institucionais e materializações” Além disso, “formas de vida” são práticas coletivas: “ ‘sociais’ na medida em que só podem existir e serem compreendidas sob o pano de fundo de um âmbito de sentido socialmente constituído”. (Jaeggi, 2019, p. 83). Também para Crisóstomo, relações e práticas circulam entre objetos, instituições, artes, técnicas, políticas; tudo isso intersubjetivo, porém, não linguocêntrico. Superando o dualismo marxiano de supra e infra estruturas, as formas de vida jaeggiana, abrangem valores, intencionalidade, materialidade, objetualidade, imprime, portanto, caráter holista: “a noção de forma de vida permitiria conceber a realidade social como um conjunto mais ou menos da mesma natureza-humana social [...] prático-ativa, interativa, contextual...” (Souza, 2001, p. 62).

Portanto, esses elementos às “as formas de vida” na definição de Jaeggi, desvelam ao que parece aproximações pertinentes ao “materialismo-pragmático-poiético”, naquilo exatamente que constitui seus tópicos fundantes: intencionalidade prático-sensível, ativa e social; agir humano como *poiesis* – realidade subjetiva como atividade artefato; normatividade não apenas enquanto linguagem, mas como prática social e plural com sujeito e coisas ambos modificáveis e, nada disso, sem quaisquer fundacionalismo e essencialismos.

Quanto ao diálogo entre Crisóstomo e Dewey, apoiando-me do texto de Tiago Medeiros (2021), trato brevemente da aproximação do filósofo estadunidense – pela experiência e o filósofo brasileiro – pela interação prático-sensível, porque ambos superam, em comum, o cognitivismo e o empirismo passivo na medida em que o materialismo e a experiência, portanto, pelo crivo da sensibilidade, correlacionam pessoas e mundo. Ora, o enfoque principal de Dewey é superar a predominância do empirismo que vai de Bacon a Hume passando pelo contributo racionalista (por paradoxal que possa parecer) de Descartes e Leibniz, cujo realce enfatiza formas, qualidades e quantidades das quais o entendimento formatam ideias complexas e o corpo reduz-se a instrumento desse poderio mental. Ao contrário desse fundacionalismo empirista, em Dewey, à vida

mesclam-se conhecimentos e atividades plurais; corporeidade e ambiência, porque a vida associa organismo e ambiente: a vida flui em interações (*interactions*) com ele. “[...]. O organismo está em permanente processo vital ocupado por desafios, recompensas, equilíbrios e dilatações”. (Medeiros, 2021, p. 116-117).

Influenciado pela dialética hegeliana, Dewey sobrepõe ao mecanicismo hobbesiano e ao empirismo britânico as interações do eu-mundo, de maneira que nesse processo contrastes e resistências depuram emoções e ideias gerando consciência; de outra forma, a consciência afluí das interações dialéticas do homem com e no mundo. Experiências não procedem de antevistos esquemas cognitivo-reflexivos, mas das dinâmicas plurais e integradas e consequentes. Para ele, “inclui *aquilo* que os homens fazem e padecem, *aquilo* que eles se esforçam por conseguir, amam creem e suportam, e também como os homens agem e sofrem a ação [...], em suma processo de *experienciar*.” (Dewey, 1980, p. 9-10 – grifos na tradução). Há interação de organismo e ambiente, logo a história, inclui rios, campos, leis instituições e, subjetivamente, planos, emoções e desejos e daí gerenciando e transformando coisas naturais e mundanas. Como frisa Medeiros (2021, p. 199), “o ser vivente age e padece. Ação e paixão são incompatíveis com o estático, o imóvel e o imutável.” Entretanto, se Dewey, rechaça a metafísica, absorve o naturalismo: o mundo primaz, como natureza (bruta).

Crisóstomo em lugar do naturalismo (deweyano) e do linguisticismo neopragmatista (rortyano), assegura que nosso agir e nosso fazer não é exterior independente ou neutro, mas, permanentemente, significam e ressignificam o mundo. “[...]. Isso num trato com o mundo que é sempre de algum modo social [...] coisas sensíveis enquanto não ‘exteriores’ a nós e à cultura [...] pondo-as em relação conosco [...] no interior de práticas sensíveis entre si articuladas” (Souza, 2015, p. 347). Recusa-se empirismo que subestime a mente, apassivando-nos ante os dados fenomênicos e tampouco um intersubjetivismo linguístico que descuide de nossa interface com o mundo. Nas plurais experiências de mundo – natural cultural e social há heterogeneidade de coisas: dos objetos às instituições e construções, etc. “[...] impregnadas de significado humano, de linguagem, de pensamento, de coisas justamente resultante nossa própria ação...” (Souza, 2015, p. 347).

Portanto, na filosofia de Crisóstomo, tanto sensibilidade, pensamento e linguagem, quanto coisas, objetos e instrumentos, se enfeixam não enquanto óbices, resistências, ou estranhezas, porém, enquanto componentes contextuais em perspectiva

holística, isto é, atravessada por significâncias, as interpretações, as codificações, elaborações, as finalidades, tudo isso traduzido num “mundo bem nosso” assentado sobre um materialismo-pragmático poiético.

4. “O mundo bem nosso” como práxis poiético-pragmática

Num ensaio muito lúcido e esclarecedor publicado na Revista Cognitio (vol. 16, 2015), Crisóstomo explicita assim, dentro do paradigma poiético-pragmático, o caráter e a teleologia, numa palavra, a demarcação teórico-prática conceitual de “o mundo bem nosso”, E qual o objeto ou de que trata “o mundo bem nosso”? A necessária superação primordial das restrições empirista e linguocêntrica, como tenho aqui acentuado, pela cultura holística – expansiva entre sujeitos, mundo e cultura.

Convém insistir que o pensamento de Crisóstomo confronta-se com um tipo de sensibilidade epistemológica que funda as representações mentais dos objetos, das coisas, na rígida correlação entre as sensações e os conceitos pelos quais aquelas são identificadas e representadas adequadamente. Com razão Dancy (p. 113), frisa que no campo desse empirismo, “a evidência dos nossos sentidos é, por conseguinte, aquilo de onde partimos quando queremos elaborar uma justificação de nossas crenças.” A linguagem como um complexo arquivístico de significados, detém e acumula rótulos de objetos e suas qualidades e predicados cuja instrumentalização ou funcionalidade (da linguagem) expõe objetos em suas particularidades e pertinências ou não. Destarte, como Crisóstomo (2015, p. 338), bem observa, “os termos de uma linguagem, então, ‘evocam’ os conceitos que enquadram os objetos. [...]. E se está pronto a exhibir esse conhecimento através da linguagem [...] ao manuseio correto, proveitoso da coisa...” Portanto, uma teoria empirista impõe a evidência como critério entre dados dos sentidos e a linguagem significativa.

Ora, para a natureza da filosofia de “mundo bem nosso” desde o Poiética-Pragmática, é inadmissível essas limitações do empirismo-realista de vocação mentalista-representacionista ancorada no Positivismo Lógico mentalista-representacionista precisa ser substituída, conforme Crisóstomo (2015), pela chamada filosofia da linguagem continental hermenêutico-culturalista, onde se reconhece o *médium* linguístico entre o mundo e nós, isto é, é improcedente qualquer objetividade absoluta, externa e fixada que suprima sujeitos e suas constituições linguísticas intersubjetivas.

Assim, um “mundo bem nosso” filosoficamente articulado, em vez da rigidez da linguagem desligada do “mundo da vida”, há plasticidade nas interações. Com efeito, fala

e pensamento traspassam aquela ideia de fixidez semântica, juízos e descrições acerca de fatos ditos circunscritos, porque, justamente, esses e outros elementos são concebidos, definidos, instruídos ou esclarecidos, numa rede contextual de linguagem através da interação. Na prática, a linguagem se estreita à instrumentalização representativo-comunicativa, nem ao modelo semântico-informativa acerca do mundo das coisas ou dos objetos. Não há como negar, a meu ver, a interlocução entre Crisóstomo e a teoria discursiva habermasiana, porém, nosso filósofo tem esclarecido, sem a sobrecarga linguística que tende a menosprezar os objetos e instrumentos recorrentes.

A tese de “o mundo bem nosso”, favorece experiência sensível e criativa; significados e conhecimentos. Com efeito, não se trata de linguagem semântico-informativa estática, dualista, testável em atributos coisificados, porém, na expressão do autor:

justamente, como um modo de entender para o qual é através da ação de lidar com o mundo – e não simplesmente através das sensações, passivamente, e daí às representações e à linguagem – que o apreendemos e que ele, mundo, se nos revela, tudo dependendo assim, em boa medida, de nós como ativos e mesmo corpóreos, e de nossa correspondente atividade sensível e criadora, também de nossa imaginação e mais coisas menos frequentemente assumidas como entendimento. (Souza, 2015, p. 340).

Ainda no “mundo bem nosso”, a linguagem holístico-pragmatista ultrapassa o viés linguocêntrico como força linguística determinante e utópica, porque no dizer de Crisóstomo (2015, p. 342). “nossa relação, ampla, rica e variada com o mundo sensível, também rico, variado, interessante, etc., [...] do ponto de vista da atividade sensível e criadora, e da gente mesmo como essa atividade.” Isso quer dizer que, não é demais repetir, o elo de sensibilidades e praticidades - compostas com as coisas e objetos com os contextos dos interesses e circunstâncias. “Um ‘mundo nosso’ é o da intensa presença humana marcando as relações com os objetos e os sujeitos [...]. Não há relações entre sujeitos purificados dos objetos [...] objeto destituídos de objetos. Esse emaranhamento é o mundo, e esse mundo é nosso.” (Medeiros (2021, p. 125).

4.1. Virada linguística hermenêutico-pragmática e linguocêntrica

A constituição do Poiética postula também redimensionamento daquela sobrepujança linguística desde a virada pragmática habermasiana, desembocando no que em Crisóstomo denomina linguocentrismo ou demasiada linguísticação.

Na filosofia, o Poiética-Pragmática, anti-representacionista – mentalista tanto quanto a metafísica solipsista porque tudo está inserto na ambiência sócio-cultural e histórica com poderes e interesses interferentes, mais assimilada pelas ciências humanas do que pelas ciências naturais, essas, embasadas na metodologia científica positiva. Todavia, observa Crisóstomo, Descartes, Kant e Marx primam, em comum, pelo ideal de representação mental *a priori* e preservada de contingências.

Pois bem, doravante no reino da linguagem todas as formas de saberes e epistemologias requerem uma comunidade discursiva por onde se movem argumentos ou teorias concorrentes às voltas de quaisquer assuntos. No contexto do determinismo linguístico, mediador resistente às intuições sensíveis e empíricas (tal como acentuadas por empiristas e neopositivistas), nossos conhecimentos e crenças decorrentes precisam ser procedimentalizados por signos e proposições avalizadas e justificadas em moldes do próprio sistema linguístico “canônico;” com efeito, encetamos por esse modelo aquele estrito conhecimento coerentista, internalista, externalista e rígido pelos quais, enfim, caímos numa espécie de reducionismo da linguagem de cunho cientificista que emudece ou desconhece a linguagem sensível plural da realidade que nos abarca e que também a erigimos.

Por outro caminho, no “mundo bem nosso” reconhecemo-nos nessa reciprocidade criativa entre o mundo e nós, porque não há determinantes extrínsecos linguisticamente representados. Na expressão de Crisóstomo (2015, p. 343): “nosso modo de tomar o mundo seria sempre contextualizado, histórico, relativamente aberto, e isso por ser ‘linguístico’ e por ser a linguagem o que é – agora em movimento, prática e reveladora de mundo.” Então, não há *logos* colonizador, mas tudo está entrelaçado: “o sensível empírico, o inteligível interpretador, o criativo inventivo, [...] socialmente produzidos ou pelo menos assim sancionados.” (Crisóstomo, 2015, p. 212).

Na filosofia de Crisóstomo, enfim, as capacidades racional-linguísticas nunca podem desenraizadas do mundo concreto e, nessa realidade material, ocorrem as vivências ativas ou pragmáticas do elaborar, construir, fazer, numa estilização relacional com os objetos. É desse aspecto que tratamos a seguir.

4.2. O ponto de vista sensível pragmático-poiético: materialismo prático objetual

A escrita dos precedentes parágrafos, abordaram críticas redimensões necessárias – ainda que breves, ao empirismo representacionista e da panlinguística neopragmatista

na medida em que obstam ou desorientam a teoria filosófica de “o mundo bem nosso.” Com efeito, afastado de que qualquer fundacionalismo e liguocentrismo dualista, esse “o mundo bem nosso”, por essa natureza, das práticas às invenções passando pelas ações criativas, integram o mundo sensível o qual, nesse sentido, não implica mera externalidade humano-cultural. Num tom afetivo, poético e holístico, enfatiza Crisóstomo (2015, p. 347): “como nós próprios somos [...] nossos corpos são [...] qualidades, recursos e apelos, [...] riscos, resistências e ameaças, mas também de possibilidades”. Tudo num entrelace linguístico que une simbologia, história, sociedade e mundo não-humano, material.

Me parece uma proposição lucidamente propositiva e otimista esse “recorte filosófico” de “o mundo bem nosso” – não é demais frisar, situado na esfera do Material Pragmático-Poiético, porque primeiro expurga as restrições lógico-analítico da linguagem, da epistemologismo positivista e do rígido dualismo cartesiano; depois, inversamente, acentua reconhecíveis contributos promissores da mediação da linguagem intersubjetiva sócio-histórica e, nessa alçada nem filósofo aferidor apriorístico, mas, podemos dizer, um hermeneuta inculturado; em lugar daquele que ousa ajuizar da cultura; ou absolutizar, encapsular a linguagem intelectualista e desencarnada, o filósofo deve atuar como artífice nas dinâmicas linguísticas de mundo; neste sentido, proficuas e importantes porque amplamente fecundas no campo sensível-material - exatamente onde as pessoas como atores sociais coletivos, aprendem e constroem realidades. A seguinte elucidação de Crisóstomo (2015, 347), é esclarecedora:

é sobretudo através de uma compreensão pragmática e também holística, anti-teoricista, da ‘precedência’ e ‘onipresença’ dessa prática, que podemos chegar de maneira melhor às consequências mais desejáveis de tal superação do dualismo e abstracionismo modernos, da qual uma concepção pragmatista ou não-representacionista da linguagem seria apenas um dos elementos.

Assim, “o mundo nosso” é polifônico dada a complexidade de signos, inclusive, não linguísticos, igualmente, em espaços plurais entre pessoas, sociedade, história e cultura. Logo, nesse mundo nosso – que nos abarca e o fazemos, não há estranhos (“ex-tranhos”); estrangeiros (“ex-trangeiros”) agora, literalmente, exóticos - “do lado de fora”; “fora de ótica”: racionalidades, culturalidades, materiais/instrumentos, linguagens, inventividades, e simbologias. Tudo tem parentesco, tudo se integra nesse lugar holístico: pode ser um artefato teórico-artístico ou uma literatura de cordel; de uma inovação

cibernética ou invenção/melhoramento de uma canoa na Amazônia, entre, digamos infinitas criatividades possíveis. Nas palavras do filósofo (2015, p. 350): “práticas sensíveis, as artísticas também, que põem e repõem e reinventam o mundo, e que, assim, primeiro o significam, que são, a um só tempo, o que somos e quanto é o mundo”. Isso significa que, para Crisóstomo, em vez de pensarmos que o mundo sensível e “suas coisas” significam pelas verbalizações, senão, cairíamos numa “reificação” alheia ao mundo humano-cultural, devemos concebê-lo mundo lugar ininterrupto de uso, criação, fruição apropriação, cognição, criação, produção, etc. extravasando, portanto, o reducionismo linguístico.

Nesse transcurso argumentativo até aqui, parece que já foi devidamente explicitado como Crisóstomo delinea o caráter interno do “mundo bem nosso”, primeiramente, recusando os “ismos” dos excessos do empirismo e a linguagem para, então, por consequência, amalgamá-los na categoria maleável do materialismo-poiético. Todo esse processo, se desfecha na interface teórico-poética “da gente como ato e do mundo como artefato” balizada pela intenção prático-sensível. Nesse sentido, o arcabouço linguístico elaborado, mentalizado e institucionalizado, sobrepondo o homem ao mundo dos animais. E, no entanto, ambos, homens e animais sob a própria compreensão nossa situam-se num mundo sensível de interesses, preferências e finalidades. Aliás, Cassirer (2001, p. 183), observa que “a própria natureza, não passa de uma grande sociedade – a sociedade da vida.” Ou seja, ainda que a linguagem seja sobreposta à natureza, pois “a linguagem não é um simples agregado de sons e palavras, é um sistema. [...]. Sem a fala não haveria comunidade dos homens,” (Cassirer, 2001, p. 201; 213). Porém, isso não implica, aprendemos já com Crisóstomo, que a culturalidade linguística humana seja um “reino ontológico” platônico-cartesiano, metafísico e essencialista apartado do mundo sensível, ao contrário, no sentido do pragmatismo cujo *telos* saberes e linguagens se cumprem na relação com o mundo.

No “perímetro” de um “mundo bem nosso” não há precedência nenhuma de linguagem e mente que traduzem e prescrevem intervenções no mundo, preservando-se da “profanação” da coisas e seres sensíveis. Ações axiológicas e normativas só acontecem nessa beleza interativa agregada de interesses, intenções, interpretações, frustrações, utopias, com nosso “mundo da vida.” Todo mundo e todas as comunidades nessa perspectiva pode dizer: tenho ou temos “um mundo bem nosso”; pertencimento como em “nuestra America”, diria Leopoldo Zea. O que é valioso e relevante nesse mundo, como

Crisóstomo o propõe, é que são a pluralidade de artefatos específicos e possíveis: objetos, engrenagens, instrumentos, inventos, literatura, música, rituais, instituições, movimentos, partidos, culinária, vídeos e tantos outros artefatos podem impulsionar ou suscitar conceitos e ideias emergentes pelos quais a linguagem amplia, se enriquece, gera ideias, conceitos e explicações.

Então, numa palavra última, “o mundo bem nosso”, mais que uma proposição teórica, é uma práxis fecunda que, tendo superado o empirismo estático e mecânico e a linguagem prepotente e descontextualizada, estabelece na expressão em poiética – do *fazer* e poética – do *criar*, realçada na afirmação de Crisóstomo (2015, p. 357): “prática livre e criadora sensível, poiésis, aquela de nós enquanto atividade prática e do mundo dela resultante como artefato.”

Considerações Finais

Contrastando quem como Hegel desdenha e até despreza tal como expresso da Introdução de sua *Filosofia da História* a América do Sul e seus nativos, portanto, como tais, incapazes de filosofar, Dussel (2009), ao contrário, frisa que todos os povos têm “núcleos problemáticos” e questões fundamentais, com efeito, filosofias conceitualizadas distintamente; então, é coerente que Margutti (2013, p. 40), afirme a “existência de uma filosofia praticada no Brasil com características próprias e que, mesmo assim, não perde o caráter de universalidade.”

Com estirpe de brasilidade, a filosofia de Crisóstomo, nos incita primeiramente ao confronto tanto o colonialismo filosófico - do *ratio studiorum* ao “*magister dixit/dixerunt*” diletante, exegético e especulativo, quanta a negação ou desconfiança - nos moldes de Tobias Barreto ou Safatle, para que assumamos uma perspectiva de filosofia mais que universitária, político-social tal como a vocação da “*Filosofia como Coisa Civil*”: dialética, autônoma, propositiva. Nesse percurso, da “alquimia” dos intercâmbios entre autores e ideias (clássicos estrangeiros e/ou nacionais), transfigurado, por assim dizer, como *paradigma Materialista Poiético-Pragmático* – tal como explicitado e mesmo desdobrado em *Filosofia Ação, Criação: poética pragmática em ação* (2021), apreendemos que a inspiração crítica a partir de Marx assegura o fundamento material, espiritual e atuante no mundo humano-social contextual, isto é, coisas, instrumentos, ideias, linguagens, criações, instituições, interesses e manipulações, numa palavra, traduz-se em artefato. Consequentemente, aprendemos, ademais, com essa

práxis filosófica que, em vez de fundacionalismo, representacionismo empirista, linguocentrismo, negacionismo, etc. filosofamos situados em mundos plurais de pessoas experiências e “formas de vida” entrelaçadas com os objetos, instrumentos, política, ciência, arte, religião, educação, entre outras. Nos encontramos e filosofamos, dessa forma, já num contexto consequente da filosofia em “um mundo bem nosso”, justamente no emaranhado daquelas categorias e coisas, com as quais tomamos consciência das experiência sensíveis e criativas, conhecimentos e significados, das atuações e dos interesses, das normatividades e anomalias.

Numa palavra final, tenho consciência de que o pensamento filosófico de Crisóstomo mais profundo, mais amplo, mais substancial, ou qualquer outra categorização do gênero, do que como dela tratei nesse texto, para mim, uma caminhada entre alegres descobertas e apreensiva preocupação em realça-la em seus fundamentos e conceitos relevante. Não obstante, quero encerrar me associando ou sincronizando-me com Crisóstomo quanto à afirmação e insistência de um fazer filosofia contextualizado, contextualizante, isto é, emaranhado, mundano, pragmático, contingente, poiético; ressalto, por fim, uma aproximação que considero pertinente entre o método *analético* dusseliano que recusa a totalidade para escolher e compromissar-se com outrem, e o modelo *holístico* incrustrado no Materialismo Pragmático-Poiético firmado por Crisóstomo que nega as essências e os fundacionalismos para assegurar abrangências, interlocuções, inter e intraconexões – não restritamente intersubjetivas, que inerentes e juntas melhor traduzem o “mundo nosso” de espírito plural: pessoas, objetos, instrumentos, poesias, instituições, movimentos, construções e teorias.

Referências

- Barreto, Tobias de Menezes. *Questões Vigentes*. Recife: Livraria Fluminense, 1888.
- Barthes, Roland. *Aula*. Tradução de Leyla Perrone-Moisés, São Paulo: Cultrix, 1980.
- Barthes, Roland. *Crítica e Verdade*. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Perspectiva, 2020.

Bourdieu, Pierre. *Razões Práticas; sobre a teoria da ação*. Tradução de Mariza Corrêa. São Paulo: Papirus, 1996.

Cassirer, Ernst. *Ensaio sobre homem*. Tradução de Tomás R. Bueno. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

Costa, João Cruz. *Panorama da história da filosofia no Brasil*. São Paulo: Cultrix, 1960.

Dancy, Jonathan. *Epistemologia contemporânea*. Lisboa: Ed.70 s/d.

Dewey, John. *Experiência e natureza*. Tradução: Murilo O.R.P. Leme; Anísio S. Teixeira; Leonidas C. de Carvalho. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

Dussel, Enrique; Mendieta, Eduardo; Borróquez, Carmen (orgs.) *El pensamiento filosófico latino-americano del Caribe e "latino" (1300-2000)*; México: Siglo XXI. 2009.

Jaeggi, Rahel. *Rumo à crítica imanente das formas de vida*. Tradução de Luísa Maria R. Dezopi, Problemata: Rev. Intern. Fil. V. 10. n. 4 (2019).

Medeiros, Thiago. Experiência e atividade sensível: entre John Dewey e Crisóstomo Souza. IN: Souza, José Crisóstomo de. (org.). *Filosofia, Ação, Criação; poética, pragmática em movimento*. Salvador: Edufba. 2021.

Napolitano, Marcos. A história política do golpe de 1964 e do regime militar: balanços e perspectivas. *Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 16, n.42, set. 2024. Disponível em: <https://periodicos.udesc.br/index.php/tempo/article/view/2175180316422024e0301>. Acesso: 14/06/2025.

Petersen, Bruno. *O Pensamento de Oswaldo Porchat Annales*, Belo Horizonte, v.2 n.3 (2017).

Pinto, Paulo Roberto Margutti. *Filosofia do Brasil*. São Paulo: Loyola, 2013.

Smith, Plínio Junqueira. *Porchat e o ceticismo no Brasil*. São Paulo: Revista Cult, 14/03/2010. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/oswaldo-porchat-e-o-ceticismo-no-brasil/>. Acesso: 20/05/2025.

Souza, José Crisóstomo de. Nem Rorty, nem Habermas, nem Marx: por uma filosofia da práxis Poiético-Materialista, não linguocêntrica. *Revista Ideação*, Feira de Santana, N. 41, Janeiro/Junho 2020. Acesso 03/05/2025.

Souza, José Crisóstomo de. (org.). *Filosofia, Ação, Criação; poética, pragmática em movimento*. Salvador: Edufba. 2021.

Souza, José Crisóstomo de. Fazer filosofia no Brasil: civil, prática, transformadora, nossa. *Argumentos/Revista de Filosofia/UFC*. Fortaleza, ano 13, n.º 25 - jan.-jun. 2021.

Souza, José Crisóstomo de. Materialismo prático-poiético: um outro paradigma para a filosofia contemporânea e brasileira. *Trans/Form/Ação*, Marília, v. 46, p. 301-338, 2023, Edição Especial 1.

Souza, José Crisóstomo de. *Currículo na Plataforma Lattes*. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/0824673288583545>. Acesso em: 2 mar. 2025.

Souza, José Crisóstomo de. (org.). *Filosofia, racionalidade, democracia*. São Paulo: Ed.Unesp. 2005.

Souza, José Crisóstomo de. O mundo bem nosso: antirrepresentacionismo poiético pragmático, não linguístico. *Cognitio*, São Paulo, v. 16, n. 2, p. 335-360, jul./dez. 2015.

Recebido em: 16/07/2025

Aprovado em: 27/02/2026

Publicado em: 07/07/2026